

O TROVÃO E O RELÂMPAGO NOS PROCESSOS DE HARMONIA IMITATIVA DE ARISTÓFANES

Cidmar T. Pais.*

A linguagem puramente conceptual junta-se não raro uma segunda linguagem, rítmica e melódica, que vem realçar o sentido da frase ou de uma parte desta, ou ainda evocar materialmente sons, movimentos e até mesmo abstrações do espírito.

Se, como demonstrou Saussure (1), na primeira o signo é sempre arbitrário, não havendo nenhum liame obrigatório entre o conceito e a forma que o designa, ao contrário, essa segunda linguagem de que falamos, e que vem enriquecer aquela outra, depende estritamente da natureza fonética dos vocábulos, como o provaram abundantemente Grammont, Bailly, Michel, Cordier e outros. (2).

Dos capítulos da Fonética Impressiva, é o da harmonia imitativa aquêle que, a nosso ver, mais interêsse oferece à pesquisa. Menos árido que o da aliteração, o qual obriga o estudioso ao estabelecimento de longos catálogos, não apresenta, por outro lado, os riscos de subjetividade da harmonia sugestiva.

A harmonia imitativa depende da natureza articulatória dos fonemas: as onomatopéias, as palavras onomatopaicas, as palavras expressivas (3) bem como certas frases, podem, exclusivamente em virtude de sua constituição fonética, evocar acusticamente sons, ruídos, objetos e movimentos.

(*) Ex-aluno do Prof. Aubreton atualmente Leitor de Civilização Brasileira em Montpellier.

(1) *Cours de Linguistique Générale*. Paris. Payot, 1964. págs. 100, 106.

(2) Ver bibliografia, no fim do artigo.

(3) A respeito da distinção entre onomatopéias, palavras onomatopaicas e palavras expressivas, ver Michel L. — *Étude du son "S" en latin e en roman*, Paris, Presses Universitaires de France, 1963.

Em tôrno de uma palavra expressiva, pode o autor agrupar outras que estabeleçam uma seqüência de fonemas que a reforce; não havendo nenhuma palavra particularmente expressiva, o autor semeia pela frase ou pelo verso vocábulos que contêm fonemas capazes de, no conjunto, evocar acusticamente a idéia apresentada.

No limitado espaço de que dispomos, não pretendemos, é óbvio, esgotar assunto tão vasto. Assim, propomo-nos tão somente a um ligeiro estudo sôbre alguns dos processos de harmonia imitativa utilizados por Aristófanes: o trovão e o relâmpago.

A escolha de Aristófanes baseia-se em duplo critério: buscar na literatura um texto que mais se aproxime da língua viva, corrente, e que, ao mesmo tempo, seja o resultado de cuidadosa elaboração artística.

O interêsse e o respeito, para não dizer pavor, que os gregos votavam a certos fenômenos metereológicos faz com que sejam abundantes os textos que dêles falam. Em Aristófanes, são numerosos os exemplos de harmonia imitativa, relacionados com relâmpagos e trovões.

Há em grego uma considerável série de palavras para designar o relâmpago ou relativas a êle:

ἡ ἀστεροπή	“relâmpago”
ἡ στεροπή	”
ἡ ἀστραπή	”
ἀστράπτω	“lançar um relâmpago”
ἀστραπαῖος	“aquêle que lança um relâmpago” etc.

Se se pensa na luminosidade intensa do relâmpago, é evidente que só os três substantivos contêm elementos para sugerir-la ainda que fracamente, suas vogais “claras” (4).

(4) A propósito da classificação das vogais, na *Fonética Impressiva*, ver Grammont — *Traité de Phonétique*, 7ème. éd. Paris, Libraire Delagrave, 1963, pág. 383: “Valeurressive des voyelles”.

O relâmpago tem, contudo, duas características sonoras, que são muito bem traduzidas pela família de palavras considerada :

1) Ao riscar a atmosfera, dá-nos o raio a impressão de algo que **desliza, escorrega, produzindo** um ruído, inteiramente imaginário, de **deslizamento** (5). Esse ruído será evidentemente traduzido por uma consoante contínua (continuidade do movimento) e sibilante (ruído imaginário de deslizamento) : o “s”. O “l” e as aspiradas, sobretudo a labial também podem evocar uma idéia (6).

2) Quando um relâmpago tomba perto de nós, antes de ouvirmos o estrondo do trovão, percebemos muitas vêzes uma ligeira crepitação. É uma experiência comum. Essa crepitação contém dois elementos :

- a) ruído de estalar ;
- b) repetição dêsse ruído.

a) O ruído de estalar é bem traduzido pelo “r” (veja-se por exemplo, o fr. **craquer**) quando seguido de vogais claras ou graves mas não surdas (7).

b) As consoantes oclusivas servem para imitar os ruídos repentinos e sêcos (elas são mesmo chamadas explosivas, instantâneas, etc). A repetição de consoantes oclusivas traduz sons e movimentos repetidos (8).

Os dois elementos reunidos dão como resultado uma combinação de valores impressivos” (9) que é “estalos repetidos”. A própria palavra **crepitar** em português é ideal como exemplo.

(5) O “glissement” de Grammont, *op. cit.*, pág. 387 e ss.

(6) Grammont, *op. cit.*, pág. 387 e ss.

(7) Grammont, *op. cit.*, págs. 387-8.

(8) Ver “Combinaison des valeurs impressives”, Grammont, *op. cit.*, pág. 391 e ss.

(9) Grammont, *op. cit.*, pág. 389.

Temos, pois, que, nas palavras estudadas, há, de início, um ligeiro silvo, assobio, que marca o deslizar do relâmpago na atmosfera, e, em seguida, a crepitação elétrica e dos objetos atingidos.

ἀ σ τ ε ρ ο π ή	ἀ σ τ ρ α π ή
1 2 2 2	etc.
σ τ ε ρ ο π ή	

Como vemos, na língua grega, essas palavras já são expressivas. Aristófanes, entretanto, desenvolve em torno delas tôda uma harmonia imitativa :

Aves, v. 1239-40 :

«ὄπως μὴ σου γένος πανώλεθρον
Διός μακέλλη πᾶν ἀναστρέψη Δίκη... »

Aves, 1746 :

« τὰς τε πυρώδεις Διὸς ἀστράδας... »

Aves, 1748 :

«ὦ μέγα χρύσιον ἀστεροπῆς φάος »

A família de palavras relativa ao trovão é ainda mais vasta. «β ρ ο ν τ ή» e seus derivados formam respeitável lista, bem maior que a do relâmpago, como a indicar que os gregos se impressionavam bem mais com o estrondo que com a luminosidade. Citemos apenas algumas :

ή βροντή	“ trovão ”
βροντάω	“ trovoar ”
βρονταῖος	“ tonante ”
	etc.

e outros termos aparentados :

ὁ βρόμος	“ estrondo ”
βρομέω	“ estrondar ”
	etc., etc.

O trovão é um ruído que começa repentinamente, vibra, e depois se prolonga, diminuindo aos poucos. A palavra **estrondo**, em português, é exemplar.

Há, pois, a considerar os seguintes elementos :

1) explosão repentina, que como vimos, se traduz por consoantes oclusivas;

2) estrondo **vibrante** surdo que será traduzido por uma vibrante apoiada em vogal surda (10);

3) ressonância que prolonga a vogal; a ressonância é, em geral, traduzida por uma nasal, soante que continua os elementos vocálicos que a precedem (fr. **retentir**, port. **tinir**, **retinir**, **som**, **ressonância**, gr. βόμβος, etc.) (11).

β ρ ο ν τ ή é assim de uma expressividade que toca as raias da onomatopéia.

β — oclusiva, explosão repentina;
ρ — vibração surda, estrondo
ν — nasal, ressonância
τ — oclusiva, reforça a explosão (elemento que é sobretudo aproveitado nos derivados: βροντάω, etc).

É evidente que basta a presença de palavras de tamanha força expressiva para evocar acusticamente a idéia de trovão. Aristóphanes, não contente, constrói, em torno de β ρ ο ν τ ή e seus derivados, harmonias constituídas, é claro, dos mesmos elementos expressivos.

Av., v. 570:

«Βροντάω νῦν ὁ μέγας Ζάν» (12).

Av., v. 576:

«Ὁ Ζεὺς δ' ἡμῖν οὐ βροντήσας πᾶμψι πετρῶεντα κεραυνόν;»

Note-se que κεραυνός só tem de expressivo, de si mesmo, a vibrante e a nasal. Contudo, no conjunto, contribui para a constituição da harmonia, tendo a sua própria expressividade aumentada.

(10) Idem, pág. 388.

(11) Z [sd.] V. Recussel, L., — *La prononciation de l'attique classique*, Paris, 1921.

(12) As siflantes marcam a continuidade do ruído.

Av., v. 1744-5

« Ἄγε νῦν αὐτοῦ καὶ τὰς χθονίας κλήσατε βροντάς... »

Vesp., v. 323

« ...ὦ Ζεῦ μεγαβρόντα. »

Encontramos, por vêzes, grandes conjuntos de harmonia em que se sucedem trovões e relâmpagos; são sequências de silvos, estrondos e vibrações que formam o quadro épico de uma tempestade: veja-se por exemplo:

Av., 1749-52:

« ὦ Διός ἄμβροτον ἔχος πυρφόρον, ὦ χθονίαι βαρυσχέες ὀμβροφόροι
θ' ἅμα βρονταὶ αἰς ὄδε νῦν χθόνα σείει »

Os exemplos poderiam ser multiplicados e seguramente substituídos os que apresentamos por outros mais ilustrativos.

Diante do conjunto impressionante de tôdas as harmonias imitativas que integram a obra de Aristófanes, nosso estudo não passa de pequeníssimo esboço. Ele confirma, entretanto, a riqueza expressiva da língua grega e, particularmente, a de Aristófanes que, pela sua sensibilidade artística, chegou a realizar em muitos e muitos trechos de sua obra, aquilo que Coseriu chamou "a plenitude da linguagem".

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- Bailly, A. — *Dictionnaire Grec-Français*, 16ème. éd. Paris, Librairie Hachette, 1950.
Cordier, A. — *L'Allitération latine. Le procédé dans l' "Eneïde" de Virgile* Paris, 1939.
Grammont — *Traité de Phonétique*, 7ème. éd. Paris, Librairie Delagrave, 1963.
Michel, L. — *Étude du son "S" en latin et en romain*, Paris, Presses Universitaires de France [1963].
Roussel, L. — *La prononciation de l'attique classique*, Paris, 1921.
Saussure — *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1964.